



INOVAÇÃO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS CONTEMPLADOS NAS PUBLICAÇÕES SOBRE O TEMA

Cintia Cargnin Cavalheiro Ribas¹ - Faculdades OPET
Janice Mendes da Silva² - Faculdades OPET
Priscila Soares Vidal Festa³ - FAE Centro Universitário

Eixo – Didática

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo objetiva proceder uma investigação analítica teórica sobre inovação educacional a partir do levantamento e análise de publicações relacionadas ao tema, buscando dessa forma delinear os desafios e as possibilidades da inovação no campo educacional, em específico, da Educação Superior. A pesquisa apresentou caráter qualitativo do tipo bibliográfica, sendo a coleta realizada por meio do site no repositório da CAPES, utilizando o marcador de pesquisa “inovação educacional” e como critério, publicações datadas entre 2013 e 2016. A partir da análise teórica do material pesquisado, destaca-se, então, que a inovação é um objeto de discussão apresentado em diferentes áreas do conhecimento e cada qual com uma perspectiva, em que a conceituação inicial foi criada e implementada na área industrial e de desenvolvimento econômico. Relacionando o conceito de inovação ao campo educacional, as inovações surgem a partir de um processo de reflexão sobre as práticas e comprometimento docente com o processo pedagógico, quando da percepção da premência de mudanças no ensino. O processo de inovação requer o aprimoramento de processos, pessoas, sistemas e formas de gerenciar, o qual passou a ser uma necessidade nas diversas áreas organizacionais, assim como no contexto educacional, considerando que a implantação de processos de inovação asseguram aos ambientes escolares espaços propícios à aprendizagem e, principalmente, ao protagonismo discente e à aprendizagem significativa. O trabalho apresenta a conceituação de inovação, traçando um paralelo com as perspectivas da inovação educacional e apresentando

¹ Doutoranda em Educação. Mestre em Desenvolvimento de Tecnologias, Especialista em EaD, Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade OPET e assistente pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. E-mail: cintiaccavalheiro@hotmail.com.

² Mestre em Educação. Especialista em Formação Docente e Orientadores Acadêmicos em EaD. Supervisora de Estágio no Curso de Pedagogia – Faculdade Opet Coordenadora Pedagógica no Instituto Base de Conteúdos e Tecnologias Educacionais – IBACBrasil. Professora Pesquisadora no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica da UFPR. janice.pedagogia@hotmail.com.

³ Doutoranda em Educação, UTP; Mestre em Distúrbios da Comunicação, UTP; Professora da FAE Centro Universitário. E-mail: priscila.festa@fae.edu.

as análises das publicações, em que está evidenciada que a inovação educacional é um processo que vai muito além da implementação de tecnologias digitais da informação e comunicação, pois, como retrata na publicações pesquisadas trata-se de mudança de hábito, crenças, valores e – também – da aceitação de que é preciso renovar as práticas pedagógicas para obtenção da democratização e compreensão dos conhecimentos.

Palavras-chave: Inovação Educacional. Práticas Pedagógicas. Educação Superior.

Introdução

A inovação tem sido objeto de estudos de pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento, sendo sua conceituação inicial na área organizacional, mais precisamente, na da indústria. Destaca-se que a implantação de um processo de inovação que esteja constantemente evoluindo, isto é, aprimorando pessoas, processos, sistemas e formas de gerenciar, passou a ser uma necessidade nas mais variadas áreas organizacionais, e quando nos referimos ao contexto educacional, a implantação de processos de inovação pretende assegurar que os ambientes escolares sejam propícios à aprendizagem e, principalmente, ao protagonismo discente e à aprendizagem significativa.

A partir desses pressupostos, o objetivo da presente pesquisa é proceder uma investigação analítica teórica sobre inovação educacional a partir do levantamento e análise de publicações relacionadas ao tema, buscando dessa forma delinear os desafios e as possibilidades da inovação no campo educacional, em específico, da Educação Superior.

Neste contexto, o presente artigo busca responder à questão: pautando-se nas publicações relacionadas à inovação educacional, quais são os desafios e possibilidades apontados nas mesmas? A metodologia utilizada nessa pesquisa apresentou caráter qualitativo do tipo bibliográfica, sendo que a coleta dos dados foi realizada por meio do site no repositório da CAPES, utilizando o marcador de pesquisa “inovação educacional”. Foram eleitos para a pesquisa os artigos datados entre 2013 e outubro de 2016.

O texto se inicia com a conceituação de inovação nas diversas áreas do conhecimento e uma reflexão sobre inovação educacional, apontando a síntese dos artigos analisados, bem como uma análise conceitual de inovação educacional e considerações sobre o tema. Ressalta-se que os artigos analisados auxiliaram na compreensão das relações existentes entre inovação educacional e práticas relacionadas à implementação das inovações.

Inovação e Inovação Educacional: Conceitos, Contextos, Possibilidades e Desafios

Os primeiros conceitos de inovação surgiram na área da indústria, mais precisamente, na linha de produção. A palavra inovar vem do latim *innovare* e significa renovar, mudar, tornar novo, sendo a inovação o ato ou efeito de inovar. Na definição apresentada no Dicionário Enciclopédico Brasileiro publicado em 1943, inovar significa “Introduzir novidade em. Reformar, renovar” e inovação significa “Ato ou efeito de introduzir alguma coisa nova; novidade introduzida no vestuário, hábitos, leis, doutrinas, ciências, etc.” Já o Dicionário Epistemológico da Língua Portuguesa (2010) sintetiza a definição de inovação em uma só palavra: “novo”. Mas, contextualizando, o que significa inovação?

Na Lei 10.973/04 de 02 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências, encontra-se a inovação como sendo “a introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo ou social em novos produtos, processo ou serviços”.

Registra-se que as primeiras definições contextualizadas foram apresentadas no campo da Administração no ano de 1934 por Schumpeter (1997), que caracteriza a inovação pela associação de recursos que geram novos produtos, processos, mercados, novas formas de organização e novos materiais. Destaca o autor que a inovação pode ser vista como a exploração de uma invenção.

No campo das inovações, encontra-se a conceituação segundo o Manual de Oslo (2006, p. 55), que trata da implementação de inovações, onde afirma-se que

Uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas.

Para Messina (2001, p. 227), “a inovação foi definida como processo multidimensional, capaz de transformar o espaço no qual habita e de transformar-se a si próprio”. Neste âmbito, a inovação pode ser abordada como um procedimento que procura habilidade e capacitações, onde a aprendizagem é um modo de fundamentação das instituições que conduzem o capital social no processo de inovação (NELSON; SAMPAT, 2001).

Já Gravatá *et al.* (2013, p. 264-265) ressalta que assim como educar é intrínseco, a inovação é subjetiva, pois, “cada um de nós percebe inovação naquilo que não está no seu cotidiano, naquilo que é diferente, aquilo que nunca viu ou ouviu falar.”

Então, em linhas gerais, a inovação envolve o entendimento, a observação do que existe, implementação, bem como a busca de estratégias para renovação, e a capacidade para transformar e transformar-se. Assim, para que a inovação ocorra é preciso aceitar a primazia da mudança. Neste aspecto, Messina (2001, p. 228) destaca que

A mudança implica passar ou transitar de uma situação ou de um estado ou condição para outro. A mudança é uma viagem, uma passagem, uma virada que é tão animadora quanto ameaçante. Mudar implica desnaturalizar ou distanciarmo-nos do *habitus* que nos constitui, que é tão estruturante quanto estruturado, separarmo-nos desses modos de sentir, pensar e agir.

Assim, percebe-se que para que a mudança ocorra e a inovação seja implementada, em primeiro lugar, é preciso que se detecte e se aceite a premência e a relevância de inovar, quer seja no campo educacional ou em outras áreas do conhecimento.

Percepções sobre Inovação Educacional

Saviani (1995, p. 30) ao abordar a inovação educacional a define como processo de "colocar a experiência educacional a serviço de novas finalidades", pois, para inovar é preciso partir do questionamento das finalidades da experiência educacional; então, a toda inovação educacional, perceptível ou implícita, reflete sobre a ação educativa, questionando a finalidade da mesma, e por meio da reflexão, desenvolve e busca estratégias pedagógicas que se adéquem às finalidades da educação. Assim, pode-se afirmar que as percepções sobre inovação pedagógica na escola e a sua implementação estão ligadas à criação de projetos que a transformem num espaço democrático, que seja atrativo e estimulante (CARBONELL, 2002).

Gravatá et al. (2013, p. 276) destaca que

A inovação em educação demanda não apenas observar o contexto, valorizar o aluno e, claro, cada uma das pessoas envolvidas, mas também aceitar os riscos atrelados à mudança. A mudança não é indolor, simples e rápida. Mudanças genuínas exigem maturação, demandam que as pessoas sustentem a vontade de mudar por bastante tempo. Uma escola tradicional, baseada em avaliações, punições, fragmentação de matérias etc. só vai mudar à medida que certas pessoas dentro dela aceitarem correr os riscos de recriar o presente. Os riscos e os embates que surgem são essenciais para que o processo seja construído coletivamente, para que não seja uma imposição de baixo para cima, não apropriada pelas pessoas.

Mas, transformar as práticas pedagógicas habituais não é tarefa simples no ambiente pedagógico, pois é preciso rever processos, conceitos, aceitar fragilidades e evidenciar potencialidades. No entanto,

[...] em vez de agir, as pessoas só ficam falando sobre mudanças gradativas. Seja por falta de imaginação ou por medo de uma virada, as conversas costumam ser interrompidas bem antes do tipo de questionamento fundamental exigido por nossa enfermidade educacional, acabando por se concentrar em um punhado de obsessões conhecidas mas inadequadas, tais como conclusão de curso e índices de aprendizado. Essas preocupações não são, de forma alguma, triviais. Todavia, o que realmente importa é se o mundo terá uma população capacitada, produtiva, realizada nas gerações que estão por vir, uma população que alcance plenamente seu potencial e que possa arcar significativamente com as responsabilidades de uma democracia verdadeira. (KHAN, 2013, p. 13)

Neste sentido, Cunha (2006, p. 22) registra que para ocorrer a inovação educacional se faz necessário romper com as regularidades propostas, permitindo desta forma que haja a reconfiguração do conhecimento, não somente com a inserção de novidades e tecnologias, mas também, relacionando-se à forma de como se entende o conhecimento.

Então, para refletir sobre as inovações educacionais na Educação Superior, buscou-se analisar a produção científica de artigos sobre a Inovação Educacional, abrangendo artigos datados de 2013 a setembro de 2016.

As Publicações sobre Inovação Educacional entre 2013 E 2016

A metodologia utilizada nessa pesquisa apresentou caráter qualitativo do tipo bibliográfica, sendo que o levantamento de dados se deu a partir do método de investigação, buscando-se na base de dados da CAPES as publicações avaliadas por pares com o marcador “Inovação Educacional”, no período de 2013 a 2016, tendo como data referência as publicações até o mês de setembro de 2016. Na busca realizada encontraram-se 38 publicações em periódicos.

Analisaram-se as 38 publicações, selecionando-se as publicações que envolvem a Educação Superior, sendo o universo refinado de 9 publicações. No ano de 2013, concentra-se o maior número de publicações (cinco) e destas, três delas tratam de programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Pesquisas sobre Inovação Educacional na Educação Superior

Em 2013, Rodrigues e Miranda (2013) realizaram uma pesquisa sobre a inovação educacional por meio da utilização do PLE (*Personal Learning Environments*), ou seja, utilizou os ambientes pessoais de aprendizagem para demonstrar que a personalização do espaço de aprendizagem pode auxiliar na geração do conhecimento pelo aluno a partir da aproximação que as redes sociais, por exemplo, podem proporcionar.

Rodrigues e Miranda (2013) aplicaram um questionário estruturado a 216 professores da Educação Superior e entrevistaram 3 especialistas em PLE por meio de um questionário semiestruturado, além de terem criado um PLE para observação no ambiente. Na pesquisa, concluíram que os educadores mais jovens são entusiastas no que tange à implementação do PLE, porém, os professores com maior maturidade são os que mais têm domínio da metodologia e mostram-se mais favoráveis à utilização de computadores e Internet. Destacam os autores que os professores da modalidade presencial são mais resistentes à utilização do PLE em relação aos professores que atuam na modalidade “mista” ou a distância, neste contexto, registram que “promover a prática de PLE implica numa mudança radical, não só na forma como usamos a tecnologia educacional, mas na organização da própria educação” (RODRIGUES; MIRANDA, 2013, p. 33), o que movimenta o professor para as atualizações e saída de um comodismo em sala de aula, uma vez que na era da informação e do conhecimento não cabe mais planejamentos estanques e homogêneos em sala de aula.

Para Rodrigues e Miranda (2013, p. 30), por intermédio do PLE é possível desenvolver capacidades além dos conhecimentos em sala de aula, pois “os ambientes PLE impõem capacidades pessoais e de conscientização, como o autocontrole e autonomia, para realizar atividades de trabalho individuais e desenvolver relações sociais construtivas”.

Também no ano de 2013, Guimarães (2013) publicou um artigo voltado à implementação da inovação educacional para o desenvolvimento de competências relacionadas à educação ambiental, uma vez que a legislação prevê a oferta, mesmo que de maneira transversal nos currículos da Educação Superior. O autor realizou uma pesquisa bibliográfica, apresentando suas considerações sobre a importância de enfatizar a consciência ambiental nos cursos de graduação, em especial, no curso de Administração, onde relaciona que os conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares do curso devem ser tratados de maneira interdisciplinar, permeando a educação ambiental em diferentes momentos, não pontualmente em uma disciplina. Guimarães (2013) cita ter realizado uma pesquisa com alunos do curso de Administração sobre a aplicabilidade dos conceitos de educação ambiental no curso, no entanto, o autor não apresenta dados qualitativos e quantitativos da pesquisa no texto, apenas a consideração de que os alunos respondentes não acreditam que a consciência ambiental seja aprimorada ou desenvolvida a partir dos conteúdos curriculares de seu curso.

Neste âmbito, Guimarães (2013) chama a atenção para a formação do professor, enfatizando que o professor deve estar aberto à implantação de inovação em sala de aula, uma vez que é um agente de mudanças e precisa assumi-las, porém, sem deixar de lado sua

autonomia e identidade. Conclui o autor que para a inserção da temática ambiental no ambiente acadêmico, “o docente tem o mister de internalizar o quão relevante é a repaginação de sua conduta a partir da contemplação não apenas do útil, mas do necessário para a inserção da temática ambiental no território acadêmico” (p. 355).

Guimarães (2013) relaciona a inovação educacional à prática docente, isto é, para que as inserções de práticas que promovam o desenvolvimento de competências para além dos conteúdos, faz-se primordial que o professor perceba a necessidade de mudança em sua prática pedagógica para que tais competências sejam viabilizadas em seu desenvolvimento.

No que tange à inovação educacional, Mota (2013) traz uma abordagem sobre os Programas de Pós-Graduação no Brasil, enfatizando a importância de uma aprendizagem integrada e da inovação no campo educacional. O autor aponta a perspectiva histórica dos programas de Pós-Graduação no Brasil e das tecnologias, destacando as contribuições da inovação educacional neste nível de ensino.

Para Mota (2013, p. 301)

É relevante observar que é uma característica da educação baseada em tecnologia, em geral, ver o aluno no centro do processo de aprendizagem, permitindo que os alunos escolham a informação e o momento se apropria de suas demandas e possibilidades particulares. Então, apesar de ser razoável suspeitar sobre o potencial real de modificar a educação tradicional, as tecnologias digitais podem ser entendidas como uma verdadeira nova oportunidade de estar muito mais centrada nas necessidades individuais e absolutamente apropriadas para abordagens de aprendizagem independentes.

Neste âmbito, o autor destaca o PSI – *Personalized System of Instruction* (Sistema de Instrução Personalizado) como inovação metodológica, onde os materiais são apresentados em pequenas unidades e o aluno quando se sente seguro do conhecimento adquirido, realiza uma avaliação e com os resultados são discutidos os pontos a serem aprimorados e o aluno passa a uma nova etapa de forma confortável e em seu tempo. O professor passa a ser o facilitador da aprendizagem, ou seja, sua ênfase está em acompanhar o desenvolvimento do aluno, observando as experiências de aprendizagem do mesmo e fazendo com que estes compartilhem suas aprendizagens e o centro do processo de ensino-aprendizagem com o professor.

No que concerne à tecnologia, o autor traz uma ressalva que deve ser observada, principalmente no campo educacional, quando afirma “o termo tecnologia hoje em dia refere-se a muito mais do que apenas máquinas e artefatos, incluindo também contextos sociais e circunstâncias sociais” (MOTA, 2013, p. 304).

Mota (2013) registra, então, que o empreendedorismo, a inovação tecnológica e a abertura de incubadoras que atendam às necessidades regionais são desafios que só poderão ser superados a partir da implementação de inovações educacionais, não somente nos cursos de Pós-Graduação, mas também, nos cursos de graduação e em outros níveis de ensino. A implementação de metodologias que façam o aluno assumir seu papel como protagonista no processo de ensino-aprendizagem, mas também em seu contexto social, econômico e político é primordial, uma vez que no Brasil o empreendedorismo e a inovação são tendências e, a aprendizagem integrada e independente podem ser estratégias favoráveis à formação de profissionais compatíveis com o desafio de um cenário onde a inovação é central.

No que se refere à implementação de inovações educacionais para apoio ao desenvolvimento regional, Miranda, Novaes e Avelar (2013) apresentam em seu artigo um estudo de caso sobre o Mestrado Profissional Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – PPGDL do Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam). As autoras destacam ser o Mestrado profissional um ambiente propício a inovações, onde o governo, a universidade e a iniciativa privada podem contar com a articulação de pesquisas regionalizadas para determinadas áreas ou regiões, primando pelas necessidades locais a partir da integração Universidade, Estado e Empresa.

As autoras apresentam em seu artigo projetos executados nas regiões onde o Mestrado Profissional fora implementado, demonstrando que a inovação na metodologia educacional em sala de aula proporcionou aos alunos a percepção da realidade e permitiu a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos por meio de pesquisas para as inovações necessárias ao desenvolvimento socioeconômico e cultural da região. Concluem as autoras que a aceitação da mudança e a experimentação abrem caminhos para que a inovação educacional seja implementada por meio da interdisciplinaridade, mesmo que de forma incipiente.

Ainda sobre inovação educacional relacionada à implementação do Mestrado Profissional (MP), Nascimento, Piñeiro e Ramos (2013) publicaram um artigo com um estudo sobre o Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da UNEB. As autoras iniciam destacando que a proposta do mestrado já pode ser considerada inovadora por ser este o primeiro Mestrado Profissional ofertado na Bahia, mas principalmente por sua característica transdisciplinar. Destacam as autoras que o MP forma pesquisadores com uma visão macro, porém, registram que a formação acadêmica deve contar com professores pesquisadores, que estejam engajados na academia e em publicações, mas também, que estejam vinculados à realidade externa às Universidades e atentos às necessidades regionais.

Nascimento, Piñeiro e Ramos (2013) enfatizam que a formação dos profissionais/pesquisadores egressos do MP é voltada à formação de “sujeitos multiplicadores do fazer com cunho inovador”. Registram as autoras que “a inovação acontece, muitas vezes, nos lugares inesperados, a partir de estratégias simples e oriundas da necessidade e busca por soluções de problemas cotidianos” (NASCIMENTO, PIÑEIRO E RAMOS, 2013, p. 384), então, tais egressos do curso de MP da UNEB saem da universidade com uma perspectiva interdisciplinar e com uma visão multirreferencial, possibilitando o despertar de inovações em diferentes áreas do conhecimento, principalmente na educacional.

Em 2014, apenas um artigo atendeu aos critérios de seleção preestabelecidos na metodologia, sendo a pesquisa de Mesquiati (2014) sobre a educação superior no Reino Unido. O autor apresenta em seu texto a dinâmica que envolve a educação superior no Reino Unido, relacionando-a com a modernização mundial dos sistemas de educação. Destaca, também, os programas de internacionalização como peças-chave para inovação da educação.

Mesquiati (2014, p. 30-31) aponta que

a internacionalização tem sido um dos temas-chave nas políticas de educação superior, com grande ênfase na construção de parcerias, cooperação e intercâmbios que fomentem a construção de um conhecimento de vanguarda e promova o desenvolvimento mútuo de competências estratégicas num mundo globalizado. Um processo focado na construção de pontes entre mundos diferentes, cujos pilares são os valores compartilhados na construção de uma sólida relação entre pessoas de crenças e valores distintos.

Neste contexto, o autor ressalta que para que o objetivo do compartilhamento de informações e conhecimento, bem como para a formação de profissionais preparados para atuar em qualquer parte do mundo globalizado, faz-se necessário que as instituições sejam mais proativas, diferenciadas, empreendedoras e inovadoras, citando como exemplo de inovação a educação a distância.

Mesquiati (2014) destaca que é preciso investir na formação docente e na motivação de mudança docente, de maneira e se ter professores

capazes de criar novas estratégias de ensino-aprendizagem e que atuem como facilitadores do desenvolvimento de habilidades, competências e conhecimento, mediados pela tecnologia e qualificados a promover o desenvolvimento social e econômico na construção de nações competitivas que fortaleçam sua posição de liderança no cenário mundial. (MESQUIATI, 2014, p. 39)

O autor apresenta, ainda, dados do Reino Unido sobre a distribuição dos recursos para o investimento em pesquisa para a inovação de práticas docentes e financiamento estudantil, bem

como sobre a internacionalização da educação. Registra o autor que há um esforço considerável para a melhoria contínua dos indicadores de qualidade de pesquisas científicas e do processo de ensino-aprendizagem compatível com os requisitos mundiais.

Em suas conclusões, Mesquiati (2014, p. 41) aborda pontos fundamentais num contexto em que as mudanças são rápidas e substanciais, pontos estes que merecem destaque:

(i) as instituições educacionais necessitam muito mais de **transformação** do que simplesmente de **adaptação** para superar a “**síndrome da mesmice**”; (ii) crucial para o sucesso é a capacidade de liderar um processo de **mudança contínuo e criativo**; (iii) crucial para o processo de mudança é o equilíbrio de **continuidade e segurança** com **mudança e inovação**; e (iv) a competência-chave a ser desenvolvida para este fim é aprender a fim de mudar e mudar a fim de aprender. (p. 41)

As transformações no meio educacional são essenciais, então, compete às instituições flexibilizarem seus modelos de forma a proporcionar ambientes inovadores, mas acima de tudo, um ambiente encorajador para a mudança.

Em 2015, duas publicações foram analisadas e em ambas consta o termo “metodologias ativas”, que não haviam aparecido nas publicações entre 2013 e 2014.

Cruz e Bizelli (2015) abordam em seu artigo a questão da formação profissional dos professores para a utilização de recursos diferenciados em sala de aula, enfatizando a utilização de ferramentas digitais. Destacam a metodologia ativa no contexto específico do recurso digital. A pesquisa foi caracterizada pelos autores como bibliográfica, exploratória e descritiva. Ressaltam os autores que a

inovação está atrelada a questões ideológicas, socioeconômicas, socioculturais e sociopolíticas. A inovação busca atender de forma direta e indireta aos interesses da indústria capitalista, da economia, da política e cada vez mais essa inovação está nos lares, nas escolas, nas universidades. (CRUZ; BIZELLI, 2015, p. 81)

Neste contexto, os autores afirmam que na Educação Superior é preciso inovar constantemente para atender a formação de egressos, sobretudo no que diz respeito a preparação para lidar com as mudanças contínuas e substanciais de um mundo globalizado. Sugerem, então, que o professor inove sua metodologia com o uso da TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação), o que fará com que os alunos se apropriem das informações, busquem novas informações e trabalhem na construção individual e coletiva do conhecimento, sendo protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

Para Cruz e Bizelli (2015) é preciso que os professores sejam incentivados em sua formação para a utilização de ferramentas digitais, melhorando sua atitude diante das mesmas. Ressaltam os autores que a Educação Superior não pode formar apenas pela abordagem técnica,

mas proporcionar espaços de aprendizagem que possibilitem o estímulo à criticidade, à criatividade e à geração de novos conhecimentos.

Mendonça *et al.* (2015) destacam que as mudanças no processo de ensinagem são fundamentais para a formação de um profissional preparado para atuar em diferentes situações no mundo real, desenvolvendo não somente competências técnicas, mas também, competência para formação cidadã, o que é viabilizado por meio de metodologias ativas.

Segundo os autores, as metodologias ativas são inovadoras e enfatizam o processo de ensino, aprendizagem e avaliação, considerando os alunos como protagonistas proativos de seu aprendizado, por meio da busca autônoma por soluções para problemas reais, “tornando-os, assim, corresponsáveis na tomada de decisão; o que gera, conseqüentemente, uma ruptura com a aprendizagem mecânica e conteudista.” (MENDONÇA *et al.*, 2015, p. 374) e os professores, passam de detentores do conhecimento a “facilitadores e provocadores epistemológicos”.

Neste contexto, Mendonça *et al.* (2015) apresenta uma pesquisa-ação em que professores participaram de uma capacitação para atuarem como tutores numa disciplina semipresencial, denominada Tópicos Especiais em Políticas de Saúde e Cidadania, em dois campi de uma universidade distantes geograficamente. Foram sujeitos da pesquisa 14 professores e alunos do programa de mestrado e doutorado de diferentes áreas do conhecimento, sendo que estes atuavam nos dois campi da universidade. Destaca-se que o estudo foi realizado na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e faz parte do projeto “Programa de Inovação e Docência Universitária (PRODUS): uma proposta de (trans)formação no processo de ensino e aprendizagem para os cursos na área de saúde na UFV”.

Nos resultados apresentados, os autores registram depoimentos de professores no período de formação em que estes relatam a real necessidade de formação para a utilização de metodologias inovadoras no processo de ensinagem, bem como as ferramentas das TIC como facilitadoras neste processo. As capacitações foram ministradas utilizando metodologias ativas e os participantes relatam que em um dos encontros de formação aprenderam mais do que aprenderiam num semestre letivo, pois foram estimulados ao desenvolvimento de um olhar crítico sobre um problema real e instigados a buscar soluções eficazes para um mesmo problema visto de diferentes maneiras. Relataram, também, que para o trabalho com inovação é imprescindível a educação permanente, o que muitas vezes tem a barreira das demandas profissionais e institucionais atribuídas aos professores.

Para Mendonça *et al.* (2015, p. 383),

O processo de formação transforma os agentes, e, neste caso, o objeto de estudo foi alvo de criação e planejamento constantes, possuindo, ainda, uma dimensão conscientizadora. Assim, o modelo educacional planejado, executado, descrito e avaliado junto aos docentes e estudantes de pós-graduação alvos deste estudo produziu, além de um diálogo constante entre os agentes envolvidos [...], a tomada de consciência sobre a problemática do ensino na atualidade, bem como das políticas de saúde e cidadania.

Neste âmbito os autores concluem que os participantes consideram a utilização de metodologias inovadoras de ensinagem como uma estratégia positiva à mudança de paradigmas educacionais, mas para que – de fato – as mudanças no processo de ensinagem ocorram, é primordial que ocorra a oferta de programas de formação continuada que despertem nos envolvidos o desejo de mudar, auxiliando-os na elaboração planejamentos para aplicação de novas metodologias.

Em 2016, Vargas-D'Uniam, Landayeta e Velarde (2016) publicaram um artigo relatando a experiência da implementação de inovação na universidade por meio de uma proposta interdisciplinar. Os autores relatam uma experiência realizada nas *Faculdades de Arte e Educación* da PUCP, situada em Lima, com 15 estudantes divididos em dois grupos focais um com oito estudantes de arte (seis mulheres e dois homens) e outro com sete alunas do curso de Literatura Infantil e Dramatização, que participaram de forma voluntária e anônima de uma proposta inovadora, onde de forma interdisciplinar os alunos deveriam criar contos para crianças de forma pedagógica e artística. O projeto teve a duração de um ano.

Os autores destacam que a proposta surgiu porque perceberam o trabalho colaborativo como uma forma eficaz de construção da aprendizagem, o que ocorre a partir da interação entre professor-aluno, professor-professor e aluno-aluno. Esta inovação pedagógica permite a construção do conhecimento individual e coletivo, bem como a interação entre diferentes áreas trabalhando em busca de um objetivo comum.

Vargas-D'Uniam, Landayeta e Velarde (2016, p. 70-71) elencam cinco indicadores para a qualidade da inovação na prática pedagógica, sendo:

- Coerência do design da proposta de inovação com os critérios de qualidade da docência.
- Identificação do design e desenvolvimento da proposta, de maneira a contribuir com a aprendizagem significativa. Isto implica no professor partir do conhecimento prévio do aluno, criar desafios de aprendizagem; proporcionar oportunidades para estabelecer relações significativas e avaliar os conhecimentos prévios para estabelecer outros mais complexos; e

propiciar oportunidades de aprendizagem que o conhecimento seja utilizado de maneira funcional e significativa.

- Desenvolvimento de atividades em que o professor forneça material pedagógico que contribua para o desenvolvimento da autonomia e autorregulação aprendizagem dos alunos.

- Potencialização de atividades que incentivem o trabalho cooperativo para a aprendizagem de conteúdos acadêmicos e a construção do conhecimento, e de apoio ao desenvolvimento de habilidades e conhecimentos para trabalhar colaborativamente.

- Utilização das TIC como mediadores educacionais

Neste contexto, avaliam a proposta aplicada como inovadora, visto que, a qualidade da inovação está atrelada, para os autores, com a aprendizagem significativa em contextos reais, com o trabalho colaborativo e interdisciplinar. Concluem ainda, que o desenvolvimento da proposta teve um impacto positivo nos professores e alunos, “a experiência inovadora teve um impacto positivo nas práticas pedagógicas dos docentes e na aprendizagem dos alunos de forma dinâmica, nova e motivadora” (VARGAS-D’UNIAM; LANDAYETA; VELARDE, 2016, p. 71), pois instigou os estudantes a formar conhecimentos complexos a partir de situações reais e os professores a criar oportunidades de aprendizagem para os alunos por meio de desafios, abrindo-se às mudanças necessárias para consolidação de novas práticas.

Observa-se nas publicações que os autores enfatizam a primordialidade de inovar nas práticas pedagógicas, pois por meio da inovação educacional é possível se desenvolver competências para além da formação técnica, englobando a formação acadêmica, profissional e cidadã. Porém, para que a inovação ocorra, faz-se imprescindível a aceitação da mudança por parte das instituições, mas não obstante, por parte do corpo docente.

Neste âmbito, podem-se alinhar as ideias de Perrenoud (2002) que enfatiza não ser viável a inovação sem inovadores, uma vez que as práticas inovadoras não são desassociáveis do contexto, logo, precisam ser implementadas com base nas experiências do espaço e dos protagonistas do processo.

Para que as mudanças e consequentemente as inovações ocorram, é preciso compreendê-las como práticas que adquirem significado por atenderem interesses tanto individuais como coletivos. Logo, é possível afirmar que a inovação promove de forma reflexiva a relação teoria e prática por meio de inquietudes e geração de conflitos para a promoção de conhecimentos (SEBARROJA, 2001).

Percebe-se, então, que as inovações surgem a partir de um processo de reflexão sobre as práticas e comprometimento docente, quando da percepção da premência de mudanças no

ensino. Neste ponto é preciso que o professor tenha disposição para inovar e para compreender que nem todos os colegas aceitarão participar deste processo de inovação, mas que, a partir das mudanças implementadas, pode se tornar exemplo para novas implementações de inovações.

Considerações Finais

As inovações no campo educacional tornam os alunos protagonistas no processo de ensino-aprendizagem e levam os docentes e instituições a buscarem a constante formação para que as implementações inovadoras sejam uma realidade no contexto da Educação Superior. Porém, conforme registra Fullan (2007) há de se considerar três dimensões quando se fala em inovação pedagógica, sendo: a utilização de novos materiais ou recursos tecnológicos, o uso de reformadas estratégias ou atividades e modificação de crenças por parte dos partícipes. No entanto, todas as dimensões só serão possíveis no contexto educacional se o docente e/ou equipe gestora se dispuserem ao processo de aprendizagem de novos recursos, estratégias, meios e comportamentos, acreditando que nos benefícios da inovação, pois a mudança real envolve mudanças nas concepções e nos comportamentos, daí que seja tão difícil de obter” (FULLAN, 2007, p. 32).

Registra-se, então, que a inovação educacional, assim como qualquer inovação, provoca o desconforto da mudança e de perceber as fragilidades a serem desenvolvidas e o fortalecimento de potencialidades. Trata-se de um processo de aceitação e renovação que não impreterivelmente está atrelado à aquisição de tecnologias, mas à compreensão das finalidades educacionais e dos objetivos que se almeja obter, como foi possível observar nas publicações relacionadas neste artigo.

Pesquisar sobre inovação é apontar propósitos ligados à mudança de processos, crenças, valores e atividades cotidianas. É sair das ferramentas como único processo de inovação e entender a compreensão do conhecimento a partir de novas perspectivas, percebendo a inovação educacional como parte de um processo e não como uma terminologia que se aplica a mudanças aparentes e não substanciais. Portanto, inovar não é gerar grandes mudanças, mas estimular mudanças que por menores que sejam tragam resultados positivos à prática pedagógica, proporcionando a formação de discentes protagonistas num processo de democratização educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.973, de 2 dezembro de 2004.** Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 3 de julho de 2004. Retificado em 16 de maio de 2005.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CUNHA, M. I. da. **Inovações pedagógicas: o desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária.** Cadernos Pedagogia Universitária, USP, 2008.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Epistemológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CRUZ, J. A. S.; BIZELLI, J. L. Docência para o ensino superior: inovação, informação e construção do conhecimento na era digital. **Cadernos De Educação, Tecnologia e Sociedade**, Inhumas, v. 8, n.1, p. 79-90, 2015.

FULLAN, M.. **The NEW Meaning of Educational Change.** London: Routledge, 2007.

KHAN, S. **Um mundo, uma escola: a educação reinventada.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MESSINA, G. **Mudança e inovação educacional: notas para reflexão.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 114, p. 225-233, novembro 2001.

GRAVATÁ, A. et al. **Volta ao mundo em 13 escolas.** São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.

GUIMARÃES, J. C. É a consciência ambiental antes uma questão de competência pedagógica? Um ensaio no território acadêmico. **RACE**, Chapecó, Ed. Especial Anpad, p. 331-362, 2013.

OCDE. **Manual de Oslo: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação.** 3. ed. Brasil: FINEP, 2006.

MAGALHÃES, A. (org.). **Dicionário Enciclopédico Brasileiro.** Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1943.

MENDONÇA, E. T. de; COTTA, R. M. M.; LELIS, V. de P. Paradigmas e tendências do ensino universitário: a metodologia da pesquisa ação como estratégia de formação docente. **Interface**, Botucatu, v.19, n. 53, Abr./Jun. 2015.

MESQUIATTI, L. F. A educação superior no Reino Unido: expansão e internacionalização. **REVEDUC – Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 1, p.22-42, 2014.

MOTA, R. Exploring integrated independent learning and innovation in the Brazilian postgraduate programmes. **RBPB**, Brasília, v. 10, n. 20, p. 289 - 312, jul. 2013.

MIRANDA, M. G. de.; NOVAES, A. M. P.; AVELAR, E. S. Mestrado profissional interdisciplinar em desenvolvimento local: uma proposta inovadora. **RBPG**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 451 - 474, jul. 2013.

NASCIMENTO, F. S; PIÑEIRO, G. R.; RAMOS, I. S. Inovação e pós-graduação: um estudo específico sobre o primeiro mestrado profissional em Educação na Bahia. **RBPG**, Brasília, v. 10, n. 20, p. 369 - 390, jul. de 2013.

NELSON, R. R; SAMPAT, B. N.. **Making sense of institutions as a factor shaping economic performance**. Journal of Economic Behavior & Organization, v. 44, p. 31-54, 2001.

PERRENOUD, P.. **Aprender a negociar a mudança em educação: Novas estratégias de inovação**. Porto: Edições ASA, 2002.

SEBARROJA, J. C. **A aventura de Inovar: A mudança na escola**. Porto: Porto Editora, 2001.

SAVIANI, D. A Filosofia da educação e o problema da inovação em educação. In: GARCIA, W. E. **Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

SCHUMPETER, J.. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Tradução de Maria Sílvia Possas. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

RODRIGUES, P. J.; MIRANDA, G. L. Ambientes pessoais de aprendizagem: concepções e práticas. **RELATEC - Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa**, v. 12, p. 23-34, 2013.

VARGAS-D'UNIAM, J.; LANDAYETA, E. C.; VELARDE, V. V. Innovación en la docência universitaria. Una propuesta de trabajo interdisciplinario y colaborativo en educación superior. **Educación**, v. XXV, n. 48, p. 67-84, mar. 2016.